

ASSESSORIA DE IMPRENSA imprensa@unisantos.br

(13) 3228 1239

Jornal: A Tribuna

Data: 1/3/2016

Seção/Página: Cidades- A3

CHUVAS NO LITORAL

arço, ainda. Mas como o clima não se pauta pelo calendário, as em era março, ainda. Mas como o citma nao se pauta pelo calendario, as chuvas fortes já chegaram neste ano com sua cota usual de perdas e transtornos. A região inteira sentiu a força da precipitação, que em Santos, por exemplo, foi de 144 milímetros em 72 horas - a maior parte na noite de aomingo. Segundo a Prefeitura, esse volume corresponde à metade do que normalmente se observa em fevereiro. Pouco, se comparado a São Sebastião, onde caíram 335 milímetros de água em 24 horas, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). As consequências desse volume pluviométrico intenso já são bem conhecidas na Baixada Santista: quedas de encostas, árvores e postes, ruas e casas alagadas, perdas de

bens e, no caso de São Sebastião no domingo, duas mortes. O roteiro é bem conhecido: esse filme passa todo ano, como se pode ler nesta e nas páginas seguintes. Enquanto isso, obras estruturais que poderiam minimizar os efeitos das cheias patinam na falta de dinheiro, de vontade ou de ambos. É o caso de Santos, com seu projeto de macrodrenagem da Zona Noroeste, o Santos Novos Tempos, que se arrasta. Ainda falando em Santos, um especialista aponta uma medida mais simples para ajudar a conter a fúria das águas: a limpeza constante e ininterrupta da centendria rede de galerias pluviais da Cidade. Mas, enquanto nada disso ocorre, fica-se outra vez à mercê das águas de março que, conforme prevem climatologistas, serão tão ou mais violentas do que as registradas no final de fevereiro.

DÉBORA PEDROSO, MAURÍCIO MARTINS E SHEILA ALMEIDA

DAREDAÇÃ

Santos ficou impermeável. Os espaços de terra e área verde foram substituídos por asfalto e construções de concreto. Não há como evitar enchentes em situações como a que ocorreu entre domingo e ontem. São necessárias obras apenas na Zo-na Noroeste e na entrada de Santos, porque, nesses locais, a água se acumula mesmo de-

pois que a chuva para. É o que afirmam os arquite-tos Wagner Ramos e Otávio Dias, da Prefeitura. Não se faz cálculo para em duas, três horas, caírem mais de 140 milíme-tros (de chuva). Para esse caso teria de se fazer muito mais que o padrão da Engenharia da drenagem de ruas. Galerias, bombeamentos, um projeto de readequação de toda a Cidade", alega Ramos

Professor da Universidade Católica de Santos (UniSantos), o engenheiro civil Gilberto Berzin reconhece: "Não existo Betzin reconnece: 'Nao exis-te rede de drenagem que aguen-te um dilávio". No entanto, pondera que a manutenção do sistema de drenagem precisa ser contínua. "Fica claro que o problema principal é a manu-tenção de rotina que deve ser-tenção de rotina que deve sertenção de rotina, que deve ser

ininterrupta".

Também docente da Unisan-tos, o urbanista Fabio Eduardo Serrano confirma que enchen-tes em áreas planas podem ocorrer por falta de manuten-ção das redes pluviais – no caso santista, centenárias.

"Quando (o engenheiro) Sa-turnino de Brito (1864-1929) criou os canais, fez as comportas com a seguinte finalidade: quando a maré baixava, as comportas eram levantadas, e a água fluía para o mar e o estuário em velocidade suficiente para limpar os canais". Mas hoje, completa Serrano, as comportas ficam fechadas a maior parte do tempo devido à poluição, limitando o sistema de drenagem.

"Para o processo de escoamento da água acontecer, contamos somente com a gravida-



de. Em Tóquio (no Japão), eles fazem o bombeamento dessa água de chuva e a mandam para uma estação, mas é um sistema caríssimo e inaplicável aqui", menciona Berzin. "Se uma chuva intensa é aliada a um problema de drenagem e maré alta, não tem milagre de Engenharia que resolva".

Segundo Carlos Tadeu Eizo, engenheiro da Secretaria de Servi-cos Públicos e coordenador de serviços de limpeza contratados pela Prefeitura, nem mesmo que as comportas fossem abertas haveria diferença na intensidade da enchente.

Segundo ele, a presença de nassas de terra (Ilha de Santo

Amaro e o continente) em volta da ilha onde está Santos faz com que o sistema de drena-gem não dê conta de levar a água ao estuário em dias de

agua ao estuário em dias de maréalta. "Demora horas. Isso é uma questão da geografia local. Dentro do estuário, pelas en-costas da serra, tudo vem parar aqui embaixo. É a natureza do local onde vivemos", diz ele.

Por isso, Eizo comenta que a desobstrução das galerias plu-viais é contínua - de segunda-feira a sábado, com uma equi-

pe de mais de 110 pessoas. Emjaneiro, as equipes retira-ram 271,9 toneladas de material da rede de drenagem, con-tra as 172.3 toneladas recolhidas em dezembro último

que representou um aumento

de 57,8% no período.

Desde a manhã de ontem,
200 homens da Prefeitura de Santos atuavam em 15 frentes

detrabalho pelas ruas.

Mas por que algumas áreas alagam mais hoje do que anos atrás? Conforme Eizo, a razão está em moradias e obras irre-gulares. "As pessoas vão crian-do, nos fundos de suas prórpias casas, situações que impedem a água de vazar".

Chuva trava trânsito santista

Os arquitetos Wagner Ramos e Otávio Dias entendem que, mesmo com boa parte de Santos alagada entre a noite de domingo e a madrugada de on-tem, o sistema de drenagem

das ruas da Cidade está dentro dos padrões e funciona bem. E dizem ser impossível adotar uma solução que dê vazão a tanta água

Segundo argumentam, mes-mo na Zona Leste algumas ruas inundam, pois estão em localização inferior à do nível mais alto da maré. Muita água nos canais e chuva forte, combinados, viram enchente.

Ainda assim, os técnicos asse guram que o sistema funciona.
"A água foi embora depois que passou a chuva? Então, a drenagem funcionou. Pior é, se depois que passar, a água conti-nuar, como na entrada de Santos. Aí, temos que resolver. Mas, com essa carga de chuva a Cidade funcionou

Precipitação

144

milímetros

de água se acumularam em 72 horas em Santos, de acordo

335

milímetros

de chuva foram registrados em São Sebastião, mas em apenas 24 horas: ali, dois morreram

Drenar a entrada

Para resolver o problema de enchente na entrada de Santos. a Prefeitura vai aproveitar as obras de readequação viária para instalar uma galeria de drenagem na Avenida Martins Fontes, que deveria ter sido feita se o projeto Santos Novos Tempos tivesse caminhado corretamente. Porém, a previsão inicial para a conclusão do trabalho, se nada der errado, é o início de 2018. Em naralelo, a Prefeitura discute com a Ecovias, concessionária do Sistema Anchieta-Imigrantes, a adoção de um projeto de drenagem próximo à Vila Alemoa, que inclui a transposição das águas sob a Marginal da Via Anchieta oara o Córrego do Sapateiro.

ZN: só com obras

Na Zona Noroeste, com a construção de moradias so os diques, não há mais auxílio ao escoamento, "A Prefeitura resolveu fazer um grande plano de macrodrenagem com recursos do Banco Mundial, o Santos Novos Tempos, mas até hoje as obras não foram terminadas. Enquanto não se concluírem, vai continuar assim", diz Fábio Serrano, professor da Universidade Católica de Santos (UniSantos).

A Tribuna não esquece

Sexta-feira de caos e morte



equivalente à média do mês inteiro. No Sistema Anchieta-Imigrantes, 24 carros foram soterrados ela queda de barragens e uma pessoa morreu. Com 150, a Baixada Santista ficou ilhada, e as vendas de passagens para São Paulo foram interrompidas na

trânsito e nas ruas das cidades da região, panorama que também se mostrou em 23 de dezembro de 2014. causa do temporal. Pouco mais de um ano depois,

de Fátima, na Zona Noroeste de Santos, acusou um congestionamento de dois quilômetros. Muita gente não conseguiu chegar ao trabalho, mas esses sofreram menos do que muitos - especialmer Cubatão, onde muitos perderam tudo o que tinham.

Em SV, inundação e prejuízo a moradores e comerciantes







